

farão casas para atingidos pelas cheias

Perfil



FOTOS: TÂNIA WEINERZ/JC

Claudio Teitelbaum é mestre em Administração de Empresas pelo Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e Engenheiro Civil formado pela mesma universidade em 1997. É diretor do Escritório de Engenharia Joal Teitelbaum, atuando no ramo imobiliário,

gerenciamento de obras e desenvolvimento de bairros planejados. É presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil no Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS) em seu segundo mandato. Antes havia sido vice-presidente da entidade. É associado honorário do Instituto de Estudos Empresariais (IEE).

de habitação.

JC - A prefeitura fala sobre uma cidade provisória no Porto Seco. O governo também falou que outros municípios terão essas cidades provisórias. Seria isso ou algo mais definitivo?

Teitelbaum - Estamos nos propondo a entregar algo mais definitivo. A gente fez aquelas cidades provisórias no Vale Taquari, mas agora, mesmo que elas saiam um pouco mais caras, estamos nos propondo a construir menos casas, porém mais definitivas. Porque aí já consegue entregar uma solução para sempre para as pessoas. Vamos fazer agora esse trabalho de mapeamento, elegendo determinados públicos-alvo e cidades mais atingidas, como Porto Alegre, Eldorado e Canoas. E aí vamos realmente tentar atacar onde o braço do governo não está. O que sabemos é que vamos fazer moradias. Não sabemos ainda exatamente os pontos, até porque depende de terreno disponível, de disponibilidade. Por exemplo, a prefeitura vai ter que ser flexível para

ter uma aprovação expressa, para não trancar na burocracia. A gente quer em 90 dias estar com essas casas prontas, a gente quer entregar mais rápido que todo mundo, para resolver o problema. Só não podemos ficar esperando. E a prefeitura de Porto Alegre já nos procurou e, na terça-feira, o prefeito (Sebastião) Melo (MDB) esteve na reunião do Comitê de Desenvolvimento Econômico, no Sinduscon. Também já conversamos com Germano Bremm, que montou dentro da Smamus (Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade) um comitê de crise para ajudá-lo a levantar todos esses dados. Já tem uma equipe de engenheiros, técnicos e pessoal de TI trabalhando com ele. O governo do Estado não nos procurou ainda.

JC - Esse recurso está vindo das doações de empresários e de outros Sinduscons, auxiliando agora na elaboração do projeto e para saber quanto vai custar cada moradia. Mas, para a aquisição dos terrenos...

Teitelbaum - A gente vai pre-

cisar da parceria tanto do governo quanto das prefeituras. Eu sei que muitas prefeituras acabam resolvendo preliminarmente a questão com o aluguel social, porém grande parte dessas cidades foram devastadas. Aquele vídeo do antes e depois de Arroio do Meio é impactante. É a segunda vez em seis meses que acontece uma coisa dessas. A estrutura da cidade tem que ser repensada. Não dá para colocar aquelas pessoas morando ali de novo. É diferente de Porto Alegre. No Sarandi, na Zona Norte (de Porto Alegre) ou no Lami é possível, com engenharia, resolver o problema da cota de cheia. Nas outras regiões, não tem o que fazer para resolver o problema.

JC - Como resolver essa cota de cheia?

Teitelbaum - Nas regiões que envolvem o dique de Porto Alegre, com engenharia consegue resolver. Isso envolve subir a cota das bombas das estações de bombeamento, geradores, graus de redundância de abastecimento, ou seja, não ter só uma fonte de abasteci-

mento, subir a altura de diques, reforçar algumas estruturas e trabalhar com bases de amortecimento de chuvas maiores. Mas nem toda cidade se consegue resolver com engenharia. Tem lugares que realmente vão ter que ser repensados.

JC - Pegando o exemplo de Arroio do Meio, essa cidade teria que ser reconstruída em outro lugar? No planejamento urbano, o Sinduscon também está envolvido?

Teitelbaum - Não, a gente não consegue abraçar tudo. Então, estamos realmente focados nessa parte de habitação. Entramos nessa fase mais estratégica de diálogo com o Ministério das Cidades, com o governo federal, que contempla todas as áreas atingidas do Estado, e essa outra (do Sinduscon) que vai contemplar a construção de casas para acolher mulheres solteiras, mães de crianças pequenas, pais e mães de crianças autistas... Não dá para deixar essas pessoas em abrigo por muito tempo. Essas crianças e essas mulheres não têm condições de estar ali. A gente sabe que a convivência no abrigo replica o que é a vida real. Tudo que acontece de ruim na vida real está sendo potencializado ali dentro. E daqui a pouco a Esefid (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança) começa a dar aula, o Bom Conselho, o prédio do IPA... Daqui a pouco tem que colocar outras crianças lá estudando. Então, isso aí tem que ser resolvido muito rápido.

JC - Há alguma outra frente de trabalho em andamento?

Teitelbaum - Imaginamos fazer um grupo de longo prazo para pensar a Porto Alegre do futuro. Ainda estamos num processo de revisão do Plano Diretor, que eu imagino dará um passo para trás, exatamente para quem sabe trazer de novo alguns grandes pensadores, como o escritório Jaime Lerner, o Josep Piquet, de Barcelona, e o Felipe Cavalcante, que é uma das pessoas que mais entende de comunidades planejadas. Qual é a dotação da orla de Porto Alegre? Qual a dotação de Eldorado e de Guaíba? A região toda deve ser reconstruída em que cota, como fazer a reconstrução? Então é ver como Porto Alegre vai realmente pensar para que a cidade seja um modelo de ocupação urbana sustentável. Obviamente também estamos muito preocupados com a infraestrutura, a viabilização do corredor humanitário e o mapeamento da infraestrutura do Estado.

E temos que pensar numa infraestrutura de drenagem urbana do Estado e dos rios, canais e lagos. Como reduzir a vazão dos rios? Como criar as zonas de amortecimento? Como as cidades vão se preparar? Tem exemplos no mundo que temos que aproveitar aqui. O olhar está sobre o Rio Grande do Sul, então temos que deixar ele realmente ser o Estado da arte dentro dessa questão.

JC - O setor da construção civil é muitas vezes apontado como vilão ou inimigo do meio ambiente. Ao mesmo tempo, é à construção civil que os governos recorrem para essa retomada da vida urbana e para a construção das moradias.

Teitelbaum - A pessoa que diz que a construção civil é vilã, ou é irresponsável, ou não estuda, ou não sabe o que está falando, ou tem um viés político eleitoral. A construção civil constrói escolas, constrói parques, infraestrutura, hospitais, postos de saúde, constrói Minha Casa Minha Vida faixa 1, faixa 2, faixa 3. A construção civil no Rio Grande do Sul emprega de carteira assinada 130 mil pessoas. Se contar empregos diretos e indiretos, vai a um milhão de pessoas, isso é 10% da população do Estado. Nos anos depois da pandemia, o setor teve 17% de crescimento do PIB frente a 8% da economia no Brasil, ou seja, ela puxou toda a geração de riqueza do País. A construção civil faz infraestrutura, gera empregos. Por causa do pedreiro que ganha R\$ 1,5 mil, R\$ 2 mil por mês, o mercadinho ali da zona dele funciona. A construção civil de Porto Alegre é quase que modelo para o resto do Brasil todo com sustentabilidade, com boa arquitetura. Tem que parar um pouco com essa história de querer achar vilões, a gente tem que achar soluções.

JC - Não tem essa dualidade?

Teitelbaum - Exatamente, é uma indústria. Se for falar "qual é a indústria de Porto Alegre?", é a da construção civil, todo mundo foi embora. Quem segue aqui investindo na cidade somos nós. E volto a dizer, a gente constrói hospitais, escolas, obras públicas, postos de saúde. A construção civil está em tudo, ela impacta outras 94 cadeias produtivas. Eu vejo que é a hora de construir soluções, de gerar valor, com responsabilidade social, e depois, lá no futuro, as páginas da história vão contar quem é que ajudou a construí-las.